

A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM AMBIENTES DE ADOECIMENTO: reflexões a partir do Curso de Formação Psicopedagógica em espaços alternativos de aprendizagem.

Juliana Silva do Nascimento ¹
Milena Mendonça da Silva ²

RESUMO

O presente artigo enfatiza a importância da atuação do pedagogo em ambientes de adoecimento, a partir de reflexões do Curso de Formação Psicopedagógica em Espaços Alternativos de Aprendizagem, promovido pela Universidade Federal da Paraíba. Neste contexto desafiador, o papel do pedagogo vai além do ensino tradicional, exigindo sensibilidade e adaptação às necessidades específicas dos aprendizes em situação de adoecimento. Estratégias pedagógicas adaptadas, como métodos lúdicos e tecnológicos, emergem como ferramentas essenciais para engajar os aprendizes e facilitar o processo de aprendizagem, mesmo em condições adversas. Os teóricos Libâneo (2008), Santos *et al.* (2023) e Lisita (2017) embasam a discussão sobre a importância do pedagogo nesses contextos, e no que tange à operacionalização metodológica, adotou-se uma abordagem qualitativa com caráter descritivo-analítica para fornecer uma compreensão mais rica e interdisciplinar do fenômeno investigado. Conclui-se que o pedagogo desempenha um papel importante na promoção do desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes em situação de adoecimento, contribuindo significativamente para sua qualidade de vida e processo de recuperação. Nesse sentido, este estudo destaca a necessidade de sensibilidade às necessidades individuais dos aprendizes e da flexibilidade na adaptação de práticas educacionais para enfrentar os desafios presentes em ambientes de adoecimento.

Palavras-chave: Profissional Pedagogo, Espaços Alternativos de Aprendizagem, Ambientes de adoecimento; educação.

INTRODUÇÃO

A pedagogia hospitalar é uma área alternativa de atuação pedagógica que busca superar os paradigmas que existem sobre a escola/aluno, uma vez que este último está inserido no ambiente hospitalar. Essa modalidade de ensino domiciliar e hospitalar é de extrema importância nesses contextos e, mesmo não recebendo a devida importância pelos responsáveis, ocupa o papel de garantir o suporte educacional para aqueles que se encontram em situação de adoecimento. Infelizmente, ainda é comum vermos que, por mais que esteja previsto em lei³, muitas unidades hospitalares não oferecem esse

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, juslvnascimento@gmail.com;

² Mestranda em Educação na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mendoncamilena1@gmail.com.

³ Lei 13.716, de 2018

atendimento educacional. Essa realidade está intimamente ligada ao fato de a educação, muitas vezes, não ser relacionada também fora dos muros da escola.

As crianças e adolescentes hospitalizadas e que também fazem tratamento domiciliar são, por diversas vezes, obrigados a permanecerem afastados da escola e, em consequência, perdem grande parte do ano letivo, ou até mesmo, todo o ano escolar. Quando inserido nesse espaço, o pedagogo desenvolve um importante trabalho, que é o de assegurar que mesmo estando em situação de adoecimento, o aluno seja acompanhado e tenha acesso à educação. Nesse sentido, é direito da criança “desfrutar de alguma recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência no hospital”. (CNDCA, 1995).”

Além desse aspecto, ofertar a educação para essas crianças e adolescentes também pode amenizar o sofrimento deles, visto que eles estão isolados do convívio social da idade própria. Nessa direção, o pedagogo também pode colaborar para que essas crianças não fiquem sem formação educacional, como também para sejam preparadas para o retorno às famílias e escola. O pedagogo, nesse sentido, pode trabalhar a confiança, autonomia e autoestima durante a execução de suas práticas pedagógicas.

Para além das discussões que trazem como foco a atuação pedagógica nos espaços extraescolares, também é imprescindível que se discuta sobre quais metodologias devem ser utilizadas para promover o aprendizado às crianças e adolescentes que receberão esse atendimento especializado. Adaptar o currículo escolar ao ambiente em que se realizará as práticas educativas é importante para que os objetivos sejam de fato alcançados.

METODOLOGIA

Este trabalho foi pensado a partir das reflexões que nasceram do curso de extensão de Formação Psicopedagógica em espaços alternativos de aprendizagem, promovido pela Universidade Federal da Paraíba. O curso foi destinado aos alunos universitários, dos cursos de graduação de Pedagogia, Psicopedagogia, Licenciaturas e aos demais interessados nessa ação pedagógica alternativa. Durante os debates, surgiram diversas inquietações que nos motivaram a aprofundar nossas percepções acerca do tema. Assim, fomos desafiadas a realizar pesquisas e elaborar este artigo como forma de consolidar

nossas ideias e contribuir para o campo da (psico)pedagogia em ambientes não convencionais de ensino.

O curso ocorreu no período entre 28 de setembro de 2023 e 18 de abril de 2024, abrangendo seis módulos distintos. Iniciou-se com uma Aula Magna inaugural em 28 de setembro de 2023, seguida pelo primeiro módulo, "Educação e Saúde: Aspectos Interdisciplinares", de 3 a 5 de outubro de 2023. Esse módulo explorou a relação entre educação e saúde, destacando a importância das ações preventivas e curativas, além de políticas de assistência às crianças em situação de vulnerabilidade.

Os módulos subsequentes abordaram uma variedade de tópicos relevantes para a formação dos profissionais da educação. O segundo módulo focou nas "Relações Interpessoais e Ética", de 7 a 9 de novembro de 2023, discutindo a ética pessoal e profissional, além do papel do professor e da família no processo de aprendizagem. Em seguida, ocorreu o módulo sobre "Psicologia do Desenvolvimento", de 5 a 7 de dezembro de 2023, explorando as teorias de Piaget, Vygotsky, Ausubel e Wallon sobre o desenvolvimento humano.

Os módulos seguintes continuaram a diversidade de temas, cobrindo desde a formação para atuação em espaços alternativos de aprendizagem, de 6 a 8 de fevereiro de 2024, até métodos e técnicas de ensino para classes hospitalares, de 5 a 7 de março de 2024.

O curso encerrou com um amplo módulo de "Oficinas Pedagógicas, Elaboração e Confeção", realizado de 2 a 18 de abril de 2024, explorando práticas criativas e lúdicas para o ensino, como dramatização e contos. Essa jornada de aprendizado proporcionou aos participantes uma formação sólida e diversificada para sua atuação profissional na área educacional em contextos de adoecimento.

No que tange à operacionalização metodológica, foi adotada a pesquisa qualitativa como abordagem principal, dada sua capacidade de fornecer um maior entendimento em estudos profundos e contextualizados sobre o tema em estudo. A escolha pela pesquisa qualitativa se justifica pela natureza complexa do fenômeno investigado, demandando uma compreensão mais rica e interdisciplinar.

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. [...] o que significa que seus pesquisadores

estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (Denzin, N. K.; Lincoln, Y. S, 2006. p. 17).

Dentro dessa abordagem, optou-se por realizar uma revisão bibliográfica, tendo como o tipo descritivo-analítico de interpretação dos dados coletados. Isso permitiu uma melhor análise das experiências e percepções do curso, enfatizando a qualidade e profundidade das informações obtidas. Essa metodologia proporcionou uma compreensão mais sucinta do tema, contribuindo para uma discussão fundamentada e significativa dos resultados encontrados, uma vez que a pesquisa descritiva visa detalhar as características de determinadas populações ou fenômenos. Nesse sentido, de acordo com Gil (2008), uma de suas peculiaridades reside na aplicação de técnicas padronizadas de coleta de dados, como o questionário e a observação sistemática. E, neste caso, optamos pela observação ao longo do curso, bem como nas análises feitas pelas autoras.

Para o levantamento de dados, utilizamos os documentos norteadores que tratam do atendimento especializado educacional, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), o Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e Adolescente (CNDCA), materiais utilizados nas aulas, produzidos pelas professoras mediadoras, além disso, fundamentou-se em alguns teóricos como Libâneo (2008), Santos *et al.* (2023) e Lisita (2017) que embasam a discussão sobre a importância do pedagogo nesses contextos, entre outras fontes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os processos formativos não formais ainda constituem um tema um tanto controverso no contexto educativo atual, no entanto, considera-se que esses processos exercem um papel essencial na vida das pessoas, uma vez que abrangem uma ampla gama de aprendizagens que ocorrem fora do ambiente escolar tradicional. Essas aprendizagens emergem em contextos cotidianos, como no trabalho, nas interações sociais, nas atividades culturais, nos movimentos sociais e até nas experiências familiares. Diferente da educação formal, que é estruturada e institucionalizada, a educação não formal é flexível, adaptável e muitas vezes centrada nas necessidades e interesses imediatos dos indivíduos. Esses processos:

[...] são, profundamente, importantes para que novas oportunidades formativas sejam ofertadas. Esta perspectiva pode ser percebida facilmente, por exemplo, ao se questionar, em qualquer grupo social, sobre um espaço não escolar que veio a contribuir na formação desses sujeitos. Certamente, muito deles irão trazer, à baila, igrejas, instituições religiosas, centros culturais, hospitais, clínicas, abrigos, centros de acolhimento, espaços militares, teatros, cinemas - dentre infinitas outras possibilidades de espaços que, direta ou indiretamente, possuem processos formativos quer seja pelas ações neles desenvolvidas ou, mesmo, pelas interações oportunizadas entre os diferentes sujeitos. (Ferreira; Sirino; Mota, 2020, p. 16)

Dentro desse panorama, um espaço de formação que tem ganhado relevância é a educação em hospitais. Nesse contexto, esses processos educativos se voltam para pacientes, familiares e até mesmo para os profissionais de saúde. A educação hospitalar é uma modalidade de ensino não formal que busca garantir o direito à educação mesmo em situações de vulnerabilidade, como no caso de crianças, adolescentes e adultos hospitalizados. A Política Nacional de Educação Especial apresenta o conceito de classe hospitalar como: "Ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de Educação Especial e que estejam em tratamento hospitalar" (Mec/Seesp, 1994).

Mais do que uma simples continuidade dos estudos, essa prática promove a inclusão e a humanização, ao considerar as necessidades emocionais e sociais daqueles que estão em tratamento, além de ajudar na recuperação ao proporcionar momentos de interação e distração.

Nesse contexto, a atuação do pedagogo também é frequentemente associada ao ambiente escolar tradicional, entretanto, sua presença e importância vão além desses limites. É comum, também, que se subestime o papel do pedagogo em outros contextos, especialmente em ambientes de saúde, onde sua intervenção pode ser igualmente vital. Nesse sentido, a atuação de um profissional da educação nesse meio se torna essencial para potencializar os benefícios desses processos formativos - sejam formais e não formais -, especialmente no contexto hospitalar. Ao adentrar um ambiente de saúde, o educador hospitalar, ou pedagogo hospitalar, não apenas continua o processo de ensino, mas também assume um papel de facilitador da aprendizagem em um contexto que exige sensibilidade, adaptabilidade e empatia.

Desde sua formação, o pedagogo deve ser capacitado para desempenhar um papel central nos processos educativos e de aprendizagem em diversos contextos. Suas responsabilidades no âmbito da educação são vastas e multidisciplinares e, ao longo do tempo, têm-se ampliado os espaços nos quais ele pode atuar. Isso implica que o pedagogo

seja capaz de realizar práticas educativas tanto dentro quanto fora dos ambientes tradicionais de ensino, exigindo dele um olhar crítico, uma consciência histórica e uma perspectiva política em sua atuação, como destacado por Vale (2017). Essa multiplicidade de funções demanda uma práxis intencional e reflexiva por parte do pedagogo, visando sempre a promoção de uma educação significativa e transformadora.

O fazer pedagógico transcende as práticas realizadas estritamente no ambiente escolar. De acordo com Libâneo (2008), restringir o trabalho pedagógico ao espaço escolar representa um equívoco significativo, pois tal abordagem limita o conceito amplo da Pedagogia, que abarca um sentido mais abrangente do que é fazer educação (Libâneo, *apud* Santos e Santos, 2017). Para Libâneo, o papel da pedagogia consiste em abordar a sistematização do fazer pedagógico que ocorre em toda a sociedade.

A pedagogia, segundo o autor, serve para investigar a natureza, as finalidades e os processos necessários às práticas educativas com o objetivo de propor a realização desses processos nos vários contextos em que essas práticas ocorrem. Ela se constitui, sob esse entendimento, em um campo de conhecimento que possui objeto, problemáticas e métodos próprios de investigação, configurando-se como “ciência da educação” (Lisita, 2017).

Essa compreensão da Pedagogia como uma "ciência da educação" destaca sua relevância não apenas em ambientes escolares, mas também em outros espaços, sejam eles formais ou não formais. Nesse sentido, o foco da pesquisa recai nos ambientes de adoecimento, como os hospitais.

Nesses contextos, a atuação do pedagogo assume uma importância ainda mais significativa, pois os pacientes enfrentam não apenas desafios de saúde, mas também desafios educacionais decorrentes do afastamento prolongado da rotina escolar. Assim, a Pedagogia em espaços de adoecimento pretende compreender as necessidades educacionais desses pacientes e propor estratégias pedagógicas adaptadas para promover sua aprendizagem e desenvolvimento, levando em consideração suas condições de saúde e bem-estar emocional.

De acordo com Santos *et al.* (2023) o pedagogo assume um importante papel no processo de humanização em ambientes hospitalares. Algumas das importantes contribuições do pedagogo incluem: **1) a atuação flexível e adaptável:** O pedagogo precisa agir com flexibilidade, adaptando atividades pedagógicas de forma adequada às necessidades dos pacientes hospitalizados; **2) acompanhamento dos pacientes:** o corpo docente do hospital acompanha as crianças e jovens durante as faltas escolares e

hospitalização, desempenhando um papel importante na educação e no bem-estar dos pacientes; **3) alívio da ansiedade:** os pedagogos podem aliviar a ansiedade das crianças por meio de práticas pedagógicas lúdicas, contribuindo para o conforto emocional dos pacientes; **4) desenvolvimento da aprendizagem:** o pedagogo apoia o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos no hospital, garantindo o direito à continuação dos estudos e incentivando a continuidade da aprendizagem após a alta hospitalar; **5) criação de um ambiente acolhedor:** o pedagogo contribui para a criação de um ambiente educacional acolhedor, alegre e confortável, promovendo o desenvolvimento emocional, mental e físico das crianças enfermas.

Nesse sentido, a pedagogia hospitalar encarrega-se de um papel fundamental no processo de humanização em ambientes hospitalares. Ela visa garantir o direito à educação e ao desenvolvimento humano das crianças e jovens hospitalizados, proporcionando um ambiente acolhedor e educativo durante o período de tratamento. (Santos *et al.*, 2023)

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) foi definido através do Decreto nº 7.611/2011. Este é um serviço de Educação Especial que deve ser oferecido pelos sistemas de ensino, que tem por intuito reduzir as dificuldades que possam ocorrer durante o processo de escolarização dos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (art. 2º). Esse ensino pode ser realizado através de atividades e recursos que promovam a acessibilidade. (Brasil, 2011).

Com base nisso, passamos a compreender quão importante, bem planejado e realizado deve ser esse trabalho educativo em ambientes de adoecimento. É imprescindível que os hospitais tenham uma visão humanizada, enxergando os pacientes para além do físico, mas buscando atender às necessidades psíquicas e sociais de seus pacientes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos módulos que despertou especial atenção durante o Curso de Formação psicopedagógica em espaços alternativos de aprendizagem foi o quinto, dedicado aos "**Métodos e técnicas de ensino para classes hospitalares: aspectos pedagógicos, métodos e alternativas de ensino**". Este módulo foi de considerável importância, pois abordou de forma específica e detalhada as necessidades e desafios encontrados no ambiente hospitalar. A discussão sobre os aspectos pedagógicos relevantes para essas

classes, juntamente com a apresentação de métodos e alternativas de ensino adaptados às condições dos pacientes hospitalizados, proporcionou uma compreensão mais profunda e prática do papel do pedagogo nesse contexto tão singular.

Atuar em contexto hospitalar exige que façamos algumas reflexões, principalmente, sobre a subjetividade dos educandos, que acabam tendo sua realidade modificada de forma instantânea. “Quando alguém adoece, o seu mundo entra em parafuso: as certezas tornam-se dúvidas, a força, muitas vezes, cede lugar à fraqueza, o otimismo é suplantado pelo pessimismo” (Mezzono, 2003, p. 335). Assim, é preciso analisar e compreender quais são as reais necessidades dessas crianças/adolescentes para poder oferecer esse atendimento especializado de forma adequada. De acordo com Serápio (2024), os primeiros passos desse atendimento é: “conversa com a escola e familiares; fazer a anamnese; realizar um estudo de caso; montar o Plano Educacional Individualizado (PEI) baseado na série que esse aluno se encontra e no nível do aluno; atividades adaptadas” (Serápio, 2024). Quanto ao ambiente propício para esse atendimento hospitalar, a autora cita a “brinquedoteca hospitalar, enfermaria, ou mesmo no leito ou no quarto dos pacientes que não possuem mobilidade física, principalmente no setor pediátrico” (Serápio, 2024).

Para a atuação em ambiente hospitalar, são dadas algumas orientações com relação às atividades práticas. No AEE⁴, o profissional de educação pode desenvolver projetos de incentivo à arte, envolvendo produção de fotografias, teatro, criação de vídeos, artes plásticas, e outros. Também é possível serem realizadas algumas propostas de leituras com os adolescentes, projeto brincando, atividades com jogos educativos. Além do que já foi mencionado, também existe a possibilidade da criação de uma brinquedoteca, caso haja incentivo e recursos para tal. Para Serápio, (2024), a brinquedoteca pode ajudar o paciente a desenvolver “a sociabilidade, o respeito, a atenção, a autoestima, a confiança, dentre outros” (Serápio, 2024).

É importante que, ao estar em um ambiente hospitalar, o pedagogo esteja disposto a propiciar a aprendizagem, como também saiba aprender com as singularidades de cada criança ou adolescente. Também deve-se ter uma atenção especial quanto às metodologias utilizadas, uma vez que, cada ser é único e tendo suas particularidades, aprende de forma diferente. Pode ser que alguma técnica utilizada não atinja os objetivos pretendidos, por isso a importância da observação e reconhecimento de cada necessidade.

⁴ Atendimento Educacional Especializado

O trabalho do pedagogo hospitalar também tem como proposta a intervenção terapêutica procurando resgatar seu espaço sadio, provocando a criatividade, as manifestações de alegria, os laços sociais e a diminuição de barreiras e preconceitos da doença e da hospitalização, a metodologia deve ser variada mudando a rotina da criança no qual permanece no hospital. (Silva, 2012, p.5).

Fazendo um paralelo com a escola, o pedagogo também precisa refletir sobre seu trabalho com muito cuidado quando está realizando o AEE em ambiente hospitalar e domiciliar. Ele deve averiguar se a realização de uma prática com ludicidade está causando efeitos positivos. Além disso, é importante estar aberto ao diálogo com as famílias das crianças/adolescentes que estão sendo acompanhados, porque recorrentemente eles se sentem excluídos por terem filhos e familiares que apresentam necessidades especiais. Ao receber esse atendimento, as crianças se sentem incluídas novamente na sociedade, porque estão tendo acesso ao que é seu por direito, a educação. Como cita Pereira (2014):

O ambiente hospitalar onde é feito o atendimento às crianças e adolescentes deve ser diferenciado, acolhedor, com brinquedos e jogos, com estimulações visuais, um ambiente alegre e aconchegante. Assim, através de brincadeiras, as crianças e os adolescentes internados encontraram uma maneira mais positiva e criativa para viver a situação de doença, diminuindo o comprometimento mental, emocional e físico dos enfermos. No entanto, é imprescindível que haja um planejamento juntamente com a escola de origem dessas crianças para que seja dada a continuidade do trabalho escolar e as crianças possam ser reintegradas à escola assim que obtenham alta do hospital. (2014, p. 6).

Além do que já foi citado, também é imprescindível que o ambiente hospitalar em que se realizam as práticas pedagógicas seja um ambiente de cores agradáveis, coloridas, que possam transmitir alegria para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, o pedagogo vem conquistando espaço na sociedade, uma vez que a educação está ganhando novos horizontes. Com isso, podemos ver o quanto é importante estar preparado para as transformações que o futuro trará. Atuar em espaços alternativos, como nos de situação de adoecimento, exige do pedagogo um preparo e reconhecimento da importância do seu trabalho, porque envolve muita dedicação e cuidado para com seus educandos. É preciso saber aplicar as metodologias corretas, e sejam eficazes diante dessa realidade. O pedagogo precisa motivar, promover a aprendizagem e preparar seu aluno para além do retorno à escola, a volta para a sociedade.

Diante do que foi exposto, entendemos que o trabalho com pessoas em situação de adoecimento deve ter um cunho humanístico, em que o educando seja o centro, e suas necessidades sejam de fato atendidas. Apesar de importante, pouco se discute sobre a pedagogia hospitalar, principalmente, durante o curso de graduação. Muitos pedagogos em formação, assim como nós, passam muito tempo sem saber quais as possibilidades de atuar com o público em situação de adoecimento, estando em hospitais ou em seus domicílios. Tal fato nos remete a grande necessidade de incentivarmos cada vez mais o pedagogo a aprimorar seus conhecimentos por meio de pós-graduações, cursos de aperfeiçoamentos, entre outros.

Espera-se que esse trabalho possa fomentar novas discussões acerca da temática, porque é relevante levantarmos novos diálogos, estudos e pesquisas que abordam sobre o pedagogo fora da escola, produzindo e incentivando a produção de conhecimento. Isso permite refletir que este profissional não está restrito apenas ao ambiente escolar, mas pode desempenhar um papel vital em uma variedade de contextos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/Seesp, 1994

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRA, A. V.; SIRINO, M. B.; MOTA, P. F. Pela defesa do não escolar: para além do formal, não formal e informal na educação básica. In: _____. A Discussão dos Conceitos de Educação Formal, Não Formal e Informal e Suas Organizações nas Estruturas Sociais. Paco Editorial, v. 8, 2020.

LISITA, V. M. S. S. PEDAGOGIA E PEDAGOGOS, PARA QUÊ?. Cad. Pesqui.no.131 São Paulo May/Aug. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/MZ939dkBFZL9C3PkFp7tPJJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 de abril de 2024

PEREIRA, Luciana Ferreira. Pedagogia Hospitalar: A Leitura Nutrindo a Alma. Disponível em: <https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-hospitalar-leitura-nutrindo-alma.htm>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

SANTOS, P, N,; SANTOS, M. C. O CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL (CAPS) COMO ALTERNATIVA DE ATUAÇÃO DO PEDAGOGO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA. Educere. [S.I.] 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24710_11958.pdf. Acesso em: 28 de abril de 2024..

SANTOS, J. R. C., MAIA, R. C. S., RIBEIRO, H. M. C. B., ARAUJO, A. K. P., & ANJOS, F. O. (2023). A importância da pedagogia hospitalar no processo de humanização. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba v. 9, n. 4, p. 13525-13549, abril 2023

SILVA, Adrieli. O papel do pedagogo no ambiente hospitalar. Brasil Escola. Disponível em: <https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/educacao/o-papel-pedagogo-hospitalar.htm>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

VALE, S. A. S. O PAPEL DO PEDAGOGO EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CAPS AD- CAICÓ/RN. Monografia - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/4509/1/OPapeldoPedagogo_Vale_2017.pdf. Acesso em: 29 de abril de 2024.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.



BAPTISTA, C. R. *et al.* Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2020.